

MOSTRA CINE PARAPEBA – ONDE EU NASCI CORRE UM RIO

Documento síntese da participação dos Povos e Comunidades Tradicionais na região 1 e 2 da Bacia do Paraopeba

PAR06-25. P1

Escritório BH2 – Projeto Paraopeba

Rua Adalberto Ferraz, 42 – Lagoinha – Belo Horizonte/MG

Aedas – Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social

CNPJ: 03.597.850/0001-07

www.aedasmg.org

E-mail: aedas@aedasmg.org

Expediente

Gerência Geral Diretrizes da Reparação do Acordo Judicial

Karina Moraes

Equipe Povos e Comunidades Tradicionais

Coordenação Geral

Antônio Sampaio

Gestão Operacional

Adriana Mendes

Élida Franco

Equipe Técnica

Camila Martins

Diego Dhermani

Jacqueline Martins

Maria Lima

Mariane Silva Tavares

Elaboração Textual

Maria Lima

Mariane Tavares

Revisão

Antônio Sampaio

Adriana Mendes

Equipe de Comunicação

Coordenação

Elaine Bezerra

Gestão Operacional de Conteúdo

Valmir Macêdo

Diagramação

Júlia Rocha

Gerência Geral Participação Informada

Diva Braga

Gerência Geral Reparação do Acordo Judicial

Ranúzia Netta

Gerência Geral Institucional

Gabriela Cotta

Coordenação Estadual

Cauê Melo

Heiza Maria Dias

Luis Henrique Shikasho

Sumário

PAR06-25

**Documento Síntese da
participação dos PCT's na
região 1 e 2 da Bacia do
Paraopeba**

RELATÓRIO COM A SISTEMATIZAÇÃO
DOS DIREITOS ESPECÍFICOS E ENTIDADES
RESPONSÁVEIS COM VINCULAÇÃO DOS
PCTS ACOMPANHADOS

Equipe Povos e Comunidades Tradicionais

Ciclo 5 – Julho, agosto e setembro

Belo Horizonte, setembro de 2025

cine
**PA
rao
PE
BA**

ONDE EU NASCI PASSA UM RIO

1. APRESENTAÇÃO

Este documento é produto da Atividade 25, da Equipe PCT, e apresenta relatos e reflexões sobre a Mostra Cine Paraopeba: Onde Eu Nasci Passa um Rio, realizada entre os dias 29 e 31 de agosto de 2025, no Cine Santa Tereza, em Belo Horizonte. A atividade foi organizada pela Equipe de Comunicação, conjuntamente com a equipe de Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) e de outras equipes da assessoria técnica da Aedas.

O objetivo deste produto é registrar de forma sistematizada as atividades da Mostra, que reuniu oficinas de comunicação, sessões de cinema, debates e momentos de partilha, além de apresentar reflexões produzidas a partir das falas, memórias e experiências das pessoas atingidas, com destaque aos povos e comunidades tradicionais assessorados nas Regiões 1 e 2 da Bacia do Paraopeba. Busca-se, assim, não apenas relatar o que ocorreu, mas também fortalecer o sentido político e cultural da Mostra como espaço de denúncia, resistência, memória e reexistências.

A construção é feita por técnicas da Equipe de Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) que vivenciaram de perto e contribuíram na execução da Mostra Cine Paraopeba. Trata-se de uma produção coletiva que nasce da prática e da escuta junto às comunidades, trazendo as experiências compartilhadas e construídas durante os dias de atividades. Ainda, integra esse documento uma série de fotografias que comunicam e narram com olhares, abraços, lágrimas e sorrisos que a luta por reparação é coletiva. Dessa forma, o documento pretende ser ao mesmo tempo registro, memória e instrumento de comunicação, preservando as vozes que ecoaram durante a Mostra e projetando-as como parte da luta por dignidade, justiça, vida e futuro.

Este documento está organizado em três partes principais. Na Apresentação, são expostos o contexto, os objetivos e o sentido da Mostra. Em seguida, o tópico Reflexões da Mostra e Oficinas de Comunicação reúne as sínteses dos filmes exibidos e os debates provocados em cada sessão, além dos relatos sobre as oficinas de cine clubismo e vídeo ativismo. Por fim, nas considerações finais, são sistematizadas as principais reflexões e construções, destacando a centralidade e protagonismo das comunidades atingidas e dos povos tradicionais no processo de reparação e na luta por justiça ambiental e social.

2. REFLEXÕES SOBRE A MOSTRA CINEPARAOPEBA E AS OFICINAS

A Mostra *Onde Nasci Corre um Rio*, realizada entre os dias 29 e 31 de agosto no Cine Santa Tereza, nasceu como um grande encontro de memórias, lutas e ancestralidades. Em suas margens, o cinema se fez território de resistência, abrindo espaço para a visibilidade das produções audiovisuais criadas por pessoas atingidas, Assessorias Técnicas Independentes e parceiros. Oficinas de comunicação, debates e exposições se entrelaçaram como correntezas de saberes, fortalecendo a circulação de conhecimentos e a partilha de experiências entre gerações e comunidades, reafirmando a potência da arte como linguagem de denúncia, cura e continuidade.

A Mostra Cine Paraopeba foi um espaço de memória, arte e resistência que nasceu do desejo de fortalecer as narrativas de luta por direitos das pessoas atingidas e dos povos e comunidades tradicionais atingidas pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. Mais do que uma programação de cinema e oficinas, o evento se propôs a ser um território de encontros, práticas, diálogos e partilhas entre os/as diferentes sujeitos e coletividades que, por meio do audiovisual, reafirmaram suas lutas, memórias, modos de vida e re-existências, e teve como principais objetivos:

- Garantia de visibilidade às produções audiovisuais realizadas por atingidos, Assessorias Técnicas Independentes e parceiros;
- Promoção a circulação de saberes por meio de oficinas, debates e exposições;
- Valorização as culturas das águas, das tradições populares e dos povos e comunidades tradicionais da Bacia do Paraopeba;
- Convite a população de Belo Horizonte e região a mergulhar nas histórias, dores e esperanças que atravessam os territórios atingidos.

3. PROTAGONISMO E DIREITOS DOS POVOS TRADICIONAIS

A Mostra reafirmou o protagonismo dos Povos e Comunidades Tradicionais da Bacia do Paraopeba, atingidos pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. Povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos de terreiro e

comunidades de matriz africana estiveram presentes em suas narrativas, imagens, corpos e vozes — seja por meio dos filmes exibidos, das oficinas ou das rodas de conversa. Cada expressão foi também afirmação de direitos: direito à memória, à terra, à água e à vida digna, que seguem sendo violados, mas nunca silenciados.

Na perspectiva afroreferenciada, a Mostra convocou o público de Belo Horizonte e região a mergulhar em histórias que brotam da dor, mas também da ancestralidade e da esperança. Foi convite à escuta dos rios e dos territórios, lembrando que o rompimento não destruiu apenas ecossistemas, mas atingiu modos de vida e cosmovisões que se enraízam em tradições seculares. Ali, a centralidade foi das comunidades: guardiãs de memória, resistência e futuro. Assim, *Onde Nasci Corre um Rio* não apenas exibiu filmes, mas fez do cinema um ato político de reexistência e de afirmação dos direitos dos povos tradicionais.

A presença e representatividade dos Povos e Comunidades Tradicionais — indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos de terreiro e de matriz africana — foram centrais em toda a programação. Suas vozes e cosmovisões estiveram refletidas nos filmes, nas rodas de conversa, nas oficinas de comunicação e nos retratos, reafirmando o direito à memória, à água, à terra e à vida digna. A Mostra deu visibilidade e centralidade a esses povos que, mesmo diante da violência da lama tóxica, seguem afirmando culturas, ancestralidades e esperanças, como rios que não cessam de correr, compondo assim naquele ambiente, um território poético de resistência, memória e imaginários.

3.1. SESSÃO DIA 29

A Mostra Cine Paraopeba foi inaugurada na Casa Terra, com um minuto de silêncio em memória das vítimas do rompimento da barragem em Brumadinho. Em seguida, as atividades se deslocaram para o Cine Santa Tereza, onde oficinas de cineclubismo e cineativismo reuniram pessoas atingidas, incluindo representantes de Povos e Comunidades Tradicionais (PCT). Nesse espaço, memórias, vivências e reflexões atravessaram a tela e se transformaram em debates e construções coletivas.



Foto: Felipe Cunha e Júlia Rohden/Aedas

A sessão do dia 29 marcou a abertura da Mostra Onde Nasci Corre um Rio, configurando o cinema como território de visibilidade e potência das vozes historicamente marginalizadas. Indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos de terreiro e de matriz africana atingidos pelo desastre de Brumadinho afirmaram-se como protagonistas de suas próprias narrativas. Ao trazerem para a tela suas memórias, saberes e modos de vida, reafirmaram a força de culturas que resistem e persistem.

Os filmes exibidos (disponíveis em <https://aedasmg.org/cine-paraopeba/>) revelaram narrativas de resistência e ancestralidade, transformando o cinema em espaço de cuidado, denúncia e celebração da vida, com a força das vozes atingidas pelo rompimento da barragem de Brumadinho. Nove curtas-metragens deram visibilidade às memórias, dores e resistências das comunidades, transformando o cinema em território de expressão, escuta e cuidado. Filmes como *Resgatando os Trilhos da Vida*, *Retalhos*, *Nós*, *A Vida*, *a Ganância* e *a Esperança*, *Caranguejo*, *Existe um Rio Vivo Dentro de Mim*, *Adolescer*, *Ciranda Encantada* e *Vale Cara de Pau* revelaram narrativas que atravessam ancestralidades, cotidianidades e esperanças, tornando visível o protagonismo daqueles historicamente tiveram suas trajetórias invisibilizadas ou apagadas.

A diversidade de olhares — entre documentários e vivências — permitiu que cada história encontrasse seu ritmo, sua forma e seu impacto. Os filmes não apenas registraram perdas, mas afirmaram saberes, continuidade dos modos de vida e relações com o território, evidenciando como a cultura e a memória desses povos seguem vivas, pulsantes e resistentes.

Síntese dos filmes exibidos

1. RESGATANDO OS TRILHOS DA VIDA

Direção: Iris Piedade, Kelma Regina, Margarete Piedade, Maria de Fátima, Rosemeire Souto, Valeska Laruska | Duração: 5 min | Gênero: Documentário
Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=bzZWONHREAY>

Sinopse: Em uma cidade atravessada pelos trilhos da mineração, o curta questiona quem está estreitando [invadindo] as comunidades atingidas. Produzido durante oficina em Brumadinho, o filme conta que, para além dos trilhos, as memórias também atravessam as comunidades atingidas e dão valor aos seus festejos, cavalgadas, congados e muitos outros.

Reflexão: Mesmo diante da exploração e dos impactos da mineração, a cultura e a memória coletiva resistem e fortalecem a identidade local. O curta mostra como os trilhos da mineração cortam o território de Brumadinho e atravessam a vida das comunidades atingidas, revelando não só os impactos da exploração, mas também as forças de permanência que resistem nesse chão. Ao mesmo tempo em que denuncia o peso da mineração sobre os modos de vida, o filme resgata as memórias culturais e afetivas que sustentam a identidade coletiva: as festas, as cavalgadas, os congados e tantas outras tradições que mantêm viva a relação com a terra e com a ancestralidade. Essa obra, produzida em oficina de audiovisual, traz um olhar comunitário e político, lembrando que, embora os trilhos da mineração marquem o território, são as memórias e a cultura popular que seguem dando rumo à vida. Nesse contraste entre ferida e resistência, o documentário nos convida a refletir sobre como a arte e a memória podem transformar dor em potência e reafirmar a dignidade das comunidades.

2. RETALHOS

Direção: Aline Naira, Catarina Magalhães, Cleria de Lourdes, et al. | Duração: 6 min | Gênero: Documentário

Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=nyuiA74PGkk>

Sinopse: Um passeio pelas memórias cartográficas das pessoas atingidas de Brumadinho reúne retalhos afetivos sobre as perdas, o que se guarda, o que se colhe e os processos de luta. O filme é um trabalho colaborativo feito por múltiplas mãos que rememoram suas vivências olhando e escutando as minúcias do território.

Reflexão: O filme revela que pequenas lembranças e gestos cotidianos são fundamentais para reconstruir narrativas e fortalecer vínculos comunitários. O curta conduz o espectador por um passeio sensível pelas memórias cartográficas das pessoas atingidas em Brumadinho, costurando retalhos afetivos que falam das perdas, do que ainda se guarda, do que se colhe e dos processos de luta. Produzido de forma colaborativa, o filme valoriza olhares múltiplos e escutas atentas aos detalhes do território, compondo um mosaico de vozes que se entrelaçam em resistência. A obra mostra que a memória não é apenas lembrança, mas também ferramenta política e coletiva: ao recuperar gestos cotidianos, cheiros, sons e afetos, as pessoas recriam laços e redes de solidariedade. Nesse sentido, o documentário reflete sobre como as pequenas lembranças, quando compartilhadas, tornam-se força de reconstrução e identidade, reafirmando que o território não é só espaço físico, mas também lugar de vida, dignidade e pertencimento.

3. NÓS

Direção: Anastácia do Carmo Silva, Eliane Torino Ribeiro, Leandro Damasceno Jorge, et al. | Duração: 3 min | Gênero: Experimental

Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=efoVQSqHgcl>

Sinopse: Imagens e memórias das pessoas atingidas de Brumadinho encontram unidade em 'Nós'. O filme reflete sobre o lugar e o território através de fotografias que revelam passado, presente e a esperança por um futuro de justiça para as pessoas atingidas pelo desastre-crime da Vale na Bacia do Rio Paraopeba.

Reflexão: Fotografias e imagens de memória unem passado, presente e futuro das pessoas atingidas, refletindo sobre lugar, território e justiça. A esperança e a busca por justiça aparecem como forças que conectam memórias individuais e coletivas, mostrando resiliência frente ao desastre. O curta-metragem *Nós* constrói uma narrativa visual e poética a partir de imagens e memórias das pessoas atingidas em Brumadinho, revelando como o território é vivido e lembrado. Fotografias e fragmentos de lembranças se entrelaçam como fios que tecem uma mesma trama: a da busca por justiça e a da reafirmação da vida em meio à dor. O caráter experimental da obra dá espaço à subjetividade de cada voz, mas também evidencia a unidade coletiva que surge da partilha das histórias. Assim, o filme mostra que a memória não é apenas registro, mas resistência, e que o “nós” do título é tanto um pronome que nos inclui a todos quanto o nó de resistência que mantém unida a comunidade diante da violência da mineração. A reflexão que emerge é que somente ao nos reconhecermos como parte desse tecido coletivo é possível sustentar a esperança de um futuro reparado e mais justo.

4. VIDA, A GANÂNCIA E A ESPERANÇA

Direção: Anely Santos, Canaã da Silva, et al. | Duração: 8 min | Gênero: Documentário.

Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=1GVXaYQTjN8>

Sinopse: Produzido por pessoas atingidas da Região 2, o filme-memória traz relatos do pesar da saudade, do fim do lazer no rio, da proibição da pesca e das plantações e de uma série de modos de viver que foram atingidos pelo rompimento da barragem. O curta também anuncia a esperança que insiste em ser semeada nas novas gerações, no trabalho voluntário e na união em busca por justiça.

Reflexão: O filme evidencia que a dor se entrelaça com resistência, mostrando que a esperança é construída coletivamente. Relatos sobre perdas, restrições de lazer e trabalho após o rompimento da barragem, mas também sobre união, trabalho voluntário e esperança nas novas gerações. A saudade se expressa no fim do lazer no rio, na proibição da pesca, no esvaziamento das plantações e na interrupção de modos de viver que garantiam sustento e pertencimento às comunidades. Ao mesmo tempo, entre essas lembranças dolorosas, brotam sementes de esperança: nas novas gerações que

aprendem a valorizar o território, no trabalho voluntário que fortalece os vínculos comunitários e na luta coletiva que se organiza em busca de justiça. O filme mostra que, mesmo diante da dor e das rupturas, a memória pode ser fértil, porque nela floresce a resistência. Assim, a reflexão que se impõe é que a esperança não é ausência de sofrimento, mas a capacidade de transformar o pesar em ação e de manter vivo o compromisso com a vida, a justiça e a continuidade da comunidade.

5. CARANGUEJO

Direção: Edalgisa Martins, Eliane Ribeiro, Lucimar Benfica, Maria do Socorro Deolindo | **Duração:** 4 min | **Gênero:** Documentário

Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=W9IVIRVZ7Vc>

Sinopse: Bicho resiliente, identidade demarcada de quem escolheu um canto em Igarapé para construir a vida. Este filme-memória recorre as lembranças doces, cruéis e de resistência dos atingidos e atingidas pelo desastre-crime da Vale na Região 2.

Reflexão: A metáfora do caranguejo reforça a ideia de adaptação e persistência diante das adversidades. Memórias de resistência e afetos na região atingida, com o caranguejo como símbolo de resiliência e identidade territorial. E usa da metáfora do animal como símbolo de força, adaptação e persistência diante das adversidades impostas pelo desastre-crime da Vale. Assim como o caranguejo que se refugia em seu canto para sobreviver, as pessoas atingidas da Região 2 encontram formas de resistir, preservar a memória e reafirmar sua identidade territorial. Entre lembranças doces e cruéis, o filme mostra que a vida, apesar de marcada pela dor, insiste em seguir, sustentada por afetos e pela luta coletiva que reafirma o direito de permanecer e de existir no território.

6. EXISTE UM RIO VIVO DENTRO DE MIM

Direção: Andreia Guimarães, Ilídia Caetano, Mametu Kymazande, et al. | **Duração:** 8 min | **Gênero:** Documentário

Link de Acesso ao Filme: https://www.youtube.com/watch?v=inRdKS_wkn0

Sinopse: Dentro de cada pessoa há um rio caudaloso de memórias e afetos. Feito por moradores de Mário Campos e São Joaquim de Bicas, em “Existe um

rio vivo dentro de mim” as atingidas expressam suas sensações ao confrontar com fotos que revelam sagrado, família, meio ambiente, saúde, lazer, luto e luta.

Reflexão: Cada pessoa carrega em si a memória coletiva do território, mostrando como lembranças e afetos moldam resistência e cuidado comunitário. Atingidas de Mário Campos e São Joaquim de Bicas expressam memórias e afetos relacionados a família e meio ambiente. O documentário revela, por meio de fotografias e depoimentos de moradores de Mário Campos e São Joaquim de Bicas, como cada pessoa carrega dentro de si um rio de memórias, afetos e dores. Ao confrontarem imagens que evocam família, sagrado, meio ambiente, lazer, saúde, luto e luta, as atingidas transformam lembranças em narrativa de resistência. O filme mostra que, mesmo feridos pelo desastre-crime, esses rios internos continuam correndo, sustentando a identidade coletiva, a espiritualidade e a esperança de justiça e reparação.

7. ADOLESCER

Direção: Ana Silva, Laura Deolindo, Marcos Rocha, et al. | Duração: 2 min | Gênero: Experimental

Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=4qgse2SxScM>.

Sinopse: O curta acompanha a jornada dos jovens das comunidades da Região 2. A narrativa poética explora como as memórias do rompimento impactam o processo de se tornar adolescente. O filme questiona como as cicatrizes podem representar, ao mesmo tempo, um grande desafio e uma fonte de força, oferecendo um retrato sensível das descobertas, perdas e transformações que marcam essa fase de suas vidas.

Reflexão: A trajetória de jovens atingidos pelo rompimento, explorando como as memórias da tragédia afetam o processo de crescimento e identidade. As cicatrizes deixadas pelo rompimento são duras, mas também oferecem oportunidades de aprendizado, força e consciência sobre direitos. O curta retrata, de forma poética e sensível, como os jovens das comunidades da Região 2 vivem a transição para a adolescência carregando as marcas do desastre-crime. Suas cicatrizes revelam perdas e dores profundas, mas também se transformam em fonte de aprendizado, consciência e força coletiva. O filme mostra que crescer em meio às feridas do território é

desafiador, mas também pode despertar um olhar crítico sobre direitos, identidade e futuro, reafirmando a potência da juventude como guardiã da memória e da resistência.

8. CIRANDA ENCONTADA

Direção: Ana Flor, Eloa Carolina, João Antônio, et al. | Duração: 5 min | Gênero: Documentário.

Link de Acesso ao Filme: https://www.youtube.com/watch?v=dy2QnB1_Ykk

Sinopse: Criado pelas crianças de Brumadinho, o filme traz relatos de como a Ciranda se relaciona com suas vidas, oferecendo momentos de alegria, de amizades e a chance de resgatar a infância através do brincar e da conscientização sobre seus direitos enquanto crianças atingidas. Ciranda Encantada mostra que a esperança para essas crianças está na preservação de seu direito de sonhar, brincar e lutar por justiça.

Reflexão: Crianças de Brumadinho resgatam a infância e a alegria através da brincadeira da ciranda, refletindo sobre direitos e identidade comunitária. O brincar se torna ferramenta de resistência cultural e de reconstrução da infância interrompida pela tragédia, ainda revela como as crianças de Brumadinho transformam a ciranda em espaço de alegria, amizade e resistência. Ao resgatar o brincar, elas reafirmam seus direitos, constroem identidade coletiva e mantêm viva a infância que a tragédia tentou interromper. O filme mostra que, mesmo em meio à dor, a esperança renasce e renova nos gestos simples das crianças, que fazem da brincadeira uma forma de cura, memória e luta por justiça.

9. VALE CARA DE PAU

Direção: Alejandro Rocha, Ana Luisa Silva, Augusto Barbosa, et al. | Duração: 5 min | Gênero: Documentário.

Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=iLMp8aSfjc4>

Sinopse: As crianças atingidas da Região 2 contam suas impressões e compartilham preocupações enquanto moradoras de um território com risco de contaminação. Com fotografias, cartazes e desenhos, as crianças cobram justiça e mostram que também precisam ser reconhecidas e ter direito à dignidade no processo de reparação integral. **Reflexão:** Crianças das comunidades atingidas compartilham suas preocupações e exigem

reconhecimento e justiça através de fotos, cartazes e desenhos. O filme evidencia a voz das crianças como parte ativa da luta por reparação e dignidade, mostrando a importância da participação infantil em processos de justiça social, dando voz às crianças, que expressam suas preocupações com a contaminação do território e reivindicam dignidade no processo de reparação. Com fotografias, cartazes e desenhos, elas denunciam a injustiça e afirmam seu lugar como sujeitos ativos da luta coletiva. O filme evidencia que a infância também é marcada pelos impactos do desastre, mas que as crianças transformam sua indignação em força política, mostrando que justiça social só é possível quando suas vozes são ouvidas, incluídas e respeitadas.

Reflexões provocadas pela Sessão 01

O debate com os diretores e a professora e pesquisadora Liana Lobo (UFMG) reforçou a dimensão coletiva do cinema como ferramenta de escuta, diálogo e reexistência. Ao colocar os sujeitos atingidos no centro, a sessão do dia 29 reafirmou a potência dos Povos e Comunidades Tradicionais, convocando o público a reconhecer sua história, seus direitos e sua força na reconstrução e preservação da vida nos territórios atingidos.

O cinema e a arte, ao atravessarem a Mostra Cine Paraopeba, revelaram-se como potentes disparadores de memória, imaginação e afetos. Desde o início, a sala foi tomada por manifestações coletivas: gritos e aplausos que celebravam a abertura dos filmes, mas que também deram lugar a silêncios densos durante as imagens do rompimento da barragem. A experiência foi atravessada pela força das músicas tradicionais, que ecoaram em palmas e cantorias — dos cânticos entoados nos créditos, como no coro coletivo “pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com atingido não assanha o formigueiro”, até a energia da ciranda, que encerrou a sessão com crianças puxando palavras de ordem: “sem a ciranda: não tem movimento”; “a ciranda é: a energia do movimento”.

O debate após os filmes revelou a força da palavra de mulheres negras que, ao lado de outras mulheres e de crianças atingidas, deram testemunho vivo de resistência e esperança. Suas falas são, por si só, um retrato do verdadeiro protagonismo feminino e da potência das crianças enquanto guardiãs de memória, esperança para o futuro e mais do que isso, fé no presente.



Foto: Felipe Cunha e Júlia Rohden/Aedas

Entre denúncias da invisibilidade histórica das comunidades e a afirmação da luta coletiva por reparação, emergiu também a emoção diante da ciranda e do sorriso de uma criança que, mesmo conhecendo a perda, afirma estar pronta para recomeçar. Esse encontro de vozes escancarou que a luta pela vida e pela dignidade é tecida, sobretudo, na coragem das mulheres e na fé renovada pelas crianças.

“tristeza por retratar minha comunidade só depois do rompimento, poderia ter sido retratado bem antes, com minha mãe e meus avós vivos. Infelizmente teve que acontecer uma tragédia dessa pra Brumadinho ser visto. Essa história não pode ficar só aqui parada, tem que correr o mundo pra mostrar que somos lutadores, que não desistimos, não desistimos da reparação, da desigualdade, queremos que todos voltem a respirar de verdade, a ter a alegria que nós tínhamos de verdade. Só mostrando o que aconteceu é que vamos ser ouvidos. Nós temos essa força juntos, guerreiros e guerreiras, estamos resistindo a tudo o que aconteceu, aconteceu uma tragédia mas não ficamos para contar essa história de dor, de tristeza, mas também de alegria de saber que nosso lugar ta sendo resgatado, a partir de dor sim, mas também de fala, que estamos vivos e sobrevivemos pra contar essa história, jamais vamos deixar essa história morrer, da tragédia e dos nossos antepassados, essa história é viva. Espero que tenhamos mais histórias pra contar porque essa história só ta começando. Temos que mostrar que somos fortes e corajosos.

Ficamos pra contar essa história e contar que nossa terra é terra fértil, de dignidade e de guerreiros.”



Mãe Kymazandê se emocionou ao falar:

“Falar de tradicional e ervas é fácil, mas quando chegou na ciranda eu desabei – em referência aos filmes Ciranda encantada e Vale cara de pau –, uma criança de cinco anos saber o que é perda, o que é luta e resistência, no final ela sorrir e falar que ta preparada pra recomeçar, cadê nossa fé? Porque a gente desiste fácil, a gente vive dizendo que não tem condições de continuar lutando. Eu vi que minha fé era tão pequena perante tudo que escutei e não tinha visto, a fé deles é maior que a nossa, a preparação deles é maior que a nossa, eles perderam parentes, mesmo assim eles estão sorrindo e se preparando para o recomeço, e nós não. Eles têm muito a nos falar e nós temos muito a aprender.”

3.1.1. OFICINA CINE CLUBISMO

A facilitadora, Cecília Godoi – Coordenadora de Marcadores Sociais da Diferença da Aedas – deu início a oficina apresentando o conceito de cineclube como um coletivo de pessoas que escolhe e debate os filmes que deseja assistir, em vez de depender apenas de programações externas. Ela ressaltou ainda que essa prática se aproxima da organização comunitária, que permite refletir e debater coletivamente temas de interesse comum. **Isso ressoou entre as lideranças presentes, como no relato:**

“Tinha cinema no meu bairro, o Cine Glória, lá na Colônia. Até meus 20 anos ainda funcionava. A gente luta até hoje para reabrir.” (atingida)

Ao longo da oficina, os participantes assistiram a pequenos filmes — desde os primeiros registros dos irmãos Lumière até obras de Spike Lee, de diretores africanos e o curta “Dente”, da diretora pernambucana Rita Luna. A cada exibição, novas conexões eram feitas entre as imagens na tela e o cotidiano das famílias atingidas.

“52 segundos que provocou na gente emoções sensações, incluindo o riso.” (atingida)

“hoje a tecnologia avançou demais e a gente ainda acha difícil, ter uma artista falando, fazendo, ter câmera no telefone, se comunicar melhor, fica tudo mais fácil.” (atingida)

“[...] ta filmando algo comum e de repente é algo diferente que provoca risadas.” (atingida)

“Fico pensando em como gravar imagens tem o poder de disputar memórias e narrativas sobre a história. Como não é aleatório entender na mão de quem está a câmera e o que e como essa pessoa decidiu filmar. Isso tem tudo a ver com tradicionalidade e com pessoas que por muitos séculos não tiveram e não tem o poder de contar a própria história e decidir de que ângulo mostrar pro mundo. Pensando, ainda, que a tradição é de oralidade e existe um desafio desse encontro com a tecnologia, do acesso, do uso.” (Mariane - Aedas)

Experiência Imersiva – Sons e memórias vivas

A oficina também propôs um exercício de escuta: sons de riacho, cachoeira, pássaros, maré agitada e até de guerra provocaram lembranças e imagens internas nas participantes:

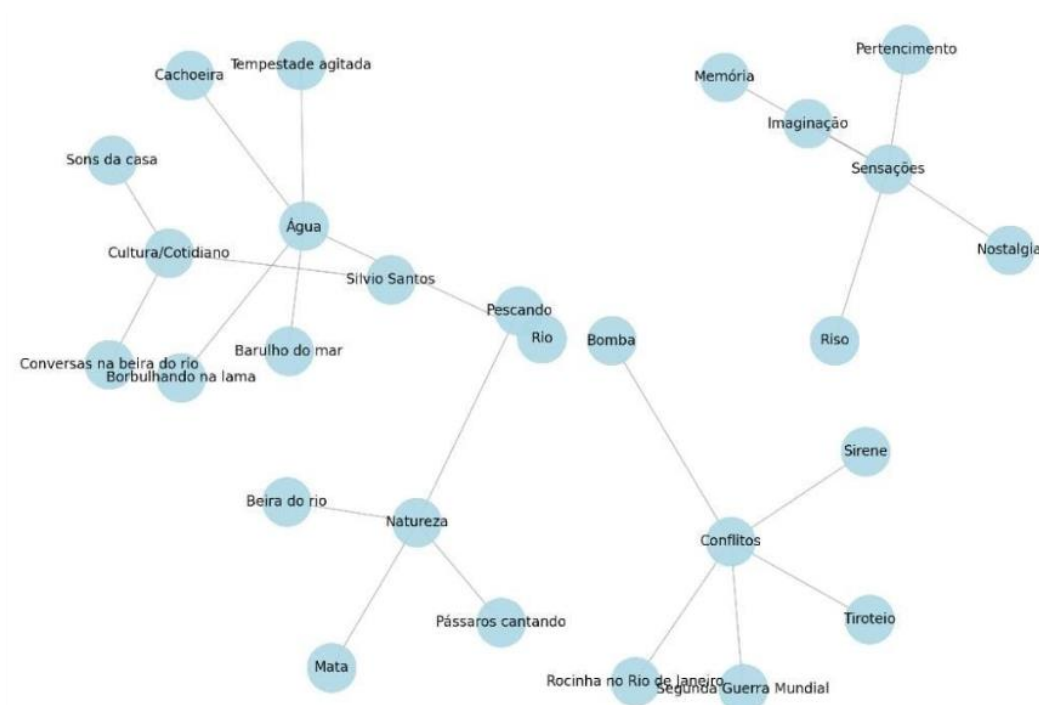


Figura 1: Mapa conceitual inspirado em falas de pessoas atingidas durante a experiência imersiva

Exibição do curta “Dente” de Rita Luna

A exibição do curta Dente, da diretora pernambucana Rita Luna, provocou fortes emoções e debates entre as pessoas presentes. A obra trouxe para a tela o cotidiano de uma mãe solo, chefe de família, que enfrenta dificuldades para sustentar os filhos, cuidar de si e manter a esperança diante dos recursos insuficientes para a garantia ampla de saúde e dignidade. As falas revelaram como o filme despertou identificação imediata com a realidade das mulheres atingidas, destacando o peso desigual do cuidado, os papéis de gênero e as tensões familiares que atravessam o dia a dia. Entre raiva, reconhecimento e reflexão crítica, a sessão mostrou que a dor retratada no dente é também metáfora das dores sociais e estruturais vividas cotidianamente, emergindo na oficina vozes que traduzem em primeira pessoa essa realidade:

“Sobre as histórias contadas são vários dramas mesmo, a mulher, chefe de família que sai pra trabalhar diariamente, a filha e uma mãe solo que precisa de pensão, a humilhação que ela sente do dinheiro ser pouco, a humilhação da mãe que não consegue cuidar do dente, o menino que não consegue estar à altura dos concorrentes pra medicina.”

“você fala de sensações, eu tava com muita raiva daquele filho, ele só tava pensando nele, é uma realidade que precisa começar a desmontar, homem e mulher, o homem pensando só nele, a irmã também pensa na mãe, ela se revolta que não consegue ajudar a mãe, ele o tempo todo só pensando no estudo dele, e nem vi ele pensando no estudo pra dar retorno a família. A reflexão que fiz sobre isso, que tenho feito, pensar os papeis do homem e da mulher.”

Dá pra ver muitas questões levantadas nesse filme e muita falta de política pública para acolher essa mãe solo. Quer garantir o acesso do filho a educação, a falta de acesso a um sistema público de saúde que possa atender. E pudesse também garantir o amparo da filha e da neta. Ela tá ali não só como mãe solo mas também como vó. Ela quer o melhor para os filhos custe o que custar” (Janaína – Aedas)

“é a realidade do dia hoje”

“o que eu vi no início daquele filme foi uma mãe muito sofredora, igual a gente sente.”

“é o dia a dia da gente, da família.”

“Não é fácil criar filho. Tinha que dividir bisnaga pra 15 irmão. Minha mãe fazia fubá pra gente. Eu criei minha filha como eu pude. E hoje com 20 anos ela me pergunta se pode consumir as coisas, é criação que vem dos anos 70.”

“achei o filho dela muito mal-agradecido, fica só reclamando, só pensa nele.”



Foto: Felipe Cunha e Júlia Rohden/Aedas

A oficina foi encerrada com a sensação de objetivo alcançado, o de experimentar, de forma concreta, o potencial de um cineclube enquanto espaço de encontro e reflexão coletiva. A fala da facilitadora após a exibição do curta Dente destacou pontos centrais: a forma como o filme provoca discussões sobre acesso à saúde e alimentação, trazendo para a cena as marcas do território. Ela também chamou atenção para escolhas estéticas da obra – a intensidade dos sons, os contrastes de iluminação – que intensificam a experiência do público. Por fim, ressaltou a decisão da diretora em expor a dor no dente como metáfora poderosa, capaz de traduzir em imagem sensível um problema de saúde recorrente que atravessa vidas e contextos sociais

mais amplos. Essa experiência reforçou a potência da oralidade, da memória sonora e da imaginação coletiva, mostrando que o cinema vai além da imagem projetada: é também a disputa de sentidos, de narrativas e de olhares sobre os territórios.

“O cineclube fortalece a organização comunitária. Por que uma atingida não pode ser protagonista de um longa-metragem para mostrar sua própria realidade?” (Cecília – Aedas)

“Quando a gente gosta e quer a gente consegue. Tem que ser o que a gente é, se eu gosto eu vou e vou conseguir. A pessoa que mora na beira do rio e a pessoa que mora na savassi é tudo igual, ela tem mais dinheiro? Tem, mas eu também posso.” (Atingida)

A oficina de cineclubismo demonstrou que o audiovisual pode ser ferramenta de luta e de reparação simbólica. Mais do que assistir filmes, os participantes produziram sentidos, disputaram narrativas e afirmaram suas histórias. Como matéria de comunicação, essa devolutiva traz a força das falas das comunidades, que transformam o cinema em espaço de denúncia, esperança e reconstrução coletiva.

“Incrível como esse filme tem tudo de Brasil, é incrível como vejo minha vida passar nesses dramas reunidos, nessa casa desse jeito, todos os elementos que compõe.” (Lucas)

Entre risos, lembranças e reflexões, as mulheres atingidas — protagonistas na luta por reparação e em tantas outras batalhas da vida — puderam se reconhecer nas histórias exibidas e também ao lado umas das outras, fortalecendo vínculos de empatia e inspiração. O riso, em especial, surgiu como linguagem de resistência: uma forma de aliviar dores, criar cumplicidade e abrir brechas de alegria em meio às marcas deixadas pelo desastre-crime. O despertar do riso também trouxe ânimo para criar, renovar forças e pensar em outros futuros possíveis. Assim, o cineclube mostrou-se como um espaço de riso, de canto, de memória e de luta, no qual a vida insiste em florescer em forma de arte e movimento coletivo.

3.1.2. OFICINA VIDEOATIVISMO

Oficina de Comunicação em Videoativismo: transformar silêncio em voz, dor em imagem, ausência em memória.



Foto: Felipe Cunha e Júlia Rohden/Aedas

O vídeo, o som e a imagem não são apenas recursos técnicos: são caminhos de memória, resistência e denúncia. Para os povos atingidos pelo rompimento da barragem de Brumadinho e para os povos e comunidades tradicionais — povos de terreiro, indígenas, quilombolas, ribeirinhos — essa oficina representa a construção de uma arma de defesa coletiva. Como nos aponta Nêgo Bispo, é preciso transformar a arma colonial em ferramenta de defesa. O audiovisual, quando apropriado pelas mãos dos que lutam por direitos e reparação, como

os povos e comunidades tradicionais, deixa de ser dispositivo de silenciamento e se converte em escudo, em voz, em memória viva, ou seja, em arma de proteção do território, da cultura, do bem viver e da vida.

O rompimento da barragem não trouxe só lama. Ele trouxe um barulho insuportável, um ruído que ecoa até hoje na memória dos corpos das pessoas atingidas em seus territórios. O som metálico, pesado, agressivo, rompeu não apenas a terra, mas também o ciclo do rio e das vidas que corria nele e com ele.

Depois desse estrondo, veio um silêncio estranho: o silêncio da água parada, do rio Paraopeba morto. É um silêncio que não é de paz, é um silêncio de ausência, de luto, de violência. Porque o som do rio não é só som da natureza: é som de história, de reza, de trabalho, de pesca, de infância brincando na beira, de axé, de vida que se renova.

Quando o rio foi silenciado, tentaram também silenciar as comunidades tradicionais. Mas o ativismo nasce daí: da necessidade de transformar dor em palavra, ausência em memória, silêncio em barulho de luta. O ativismo, para os povos atingidos, povos e comunidades tradicionais e originários, não é só uma escolha política; é uma forma de continuar existindo e re-existindo.

Ativismo é lembrar o rio quando querem que a gente esqueça. É denunciar que a água não corre mais. É gritar pelo som que falta, até que ele volte a ecoar. É dizer para o mundo que a vida do Paraopeba não pode ser enterrada na lama da mineração. Enquanto o rio não canta, somos nós que cantamos por ele. (Maria Lima – Técnica da Aedas)

É nesse contexto que se inseriu a Oficina de Videoativismo da Mostra Cine Paraopeba. O vídeo, o som e a imagem não são tratados aqui apenas como técnica: são compreendidos como ferramentas de resistência, de denúncia e de afirmação da vida. E aprender a filmar é também aprender que cada câmera ligada é também *um tambor que chama, um arco que aponta, uma flecha que denuncia, um remo que atravessa o rio do tempo*. São tecnologias ancestrais reinventadas, e registrar é afirmar: os corpos, as águas e as memórias não serão silenciadas.



Foto: Felipe Cunha e Júlia Rohden/Aedas

A Oficina de Videoativismo realizada na Mostra Cine Paraopeba se transformou em um território de encontros, partilhas e re-existências, ou como Mãe Kymazandê sinalizou, *foi também intercâmbio de formas de ver e viver pelos povos tradicionais, partilhados em falas dos presentes*. A oficina de videoativismo foi uma iniciativa pedagógica da Aedas para fortalecer as vozes das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho. Nesse espaço, moradores e lideranças dos territórios atingidos se encontram para aprender, trocar experiências e experimentar a linguagem audiovisual como forma de resistência, memória e denúncia.

O encontro começou com as apresentações dos participantes — comunicadores da Aedas e integrantes de comunidades da bacia do Paraopeba —, destacando a importância da união e da criatividade coletiva

frente às consequências da tragédia-crime. A oficina buscou introduzir noções sobre o audiovisual e o papel do som e da imagem na construção de narrativas, provocando reflexões sobre como a música, a fala e o ritmo podem transformar a percepção de uma história.

Mais do que uma aula técnica, o momento foi marcado pela confluência, pelo compartilhamento afetivo e pelo reconhecimento do audiovisual como ferramenta política, poética e comunitária. A proposta da Aedas é que as pessoas atingidas se tornem não apenas personagens, mas autoras das narrativas sobre sua própria realidade, reafirmando suas identidades, lutas e potências.

Na oficina, a palavra virou música, silêncio e imagem. Maria Lima (Técnica da Aedas) lembrou que nas comunidades tradicionais a vida já é orquestra: o barulho da colher caindo, o cachorro entrando na cozinha, o movimento de quem prepara a comida em roda. Cada gesto cotidiano vira ritmo, e é nesse compasso que a cultura se fortalece.

Antônio Sampaio (Técnico da Aedas) trouxe a lembrança de que até o silêncio comunica: é pausa, é respiro, é também linguagem. E Wagner Túlio (Técnico da Aedas) completou dizendo que a imagem sozinha já emociona, mas quando encontra o som certo, ganha novas camadas, vira narrativa complexa e potente. Ele lembrou ainda que cada pessoa já é, à sua maneira, diretora do seu próprio audiovisual — seja num registro de celular, num post, ou numa memória compartilhada. Assim, o encontro mostrou que o audiovisual não é apenas técnico: é vida vivida, é cotidiano transformado em poesia, é a força de narrar com corpo inteiro — com o som, com o silêncio e com o olhar.

Maria Lima (Técnico da Aedas) destaca a força da imagem dentro dos espaços tradicionais, como no barracão: uma cena pode conter silêncio, mas evocar respeito, ancestralidade e preparar o início do xirê. A imagem, mesmo sem som, dispara memórias, notas, sentimentos e a sensação de “start” de um ritual ou de uma roda. Ela aproxima a ideia de direção audiovisual à direção espiritual: o olhar que organiza, dá sentido e prepara os momentos, tal como o diretor de uma casa de axé.

Mãe Kymazande, por sua vez, relembra a importância da ritualidade do ogã: quando o tambor toca, todos os filhos de pomba se ajoelham, colocando a cabeça no chão. Esse gesto materializa respeito e comunhão ancestral.

Wagner (Técnico da Aedas), que conduzia a oficina também traz a memória afetiva de seu cavaquinho herdado do seu Pai – não apenas como objeto, mas como instrumento que, ao ser visto, ouvido e tocado, desperta emoções diferentes. A fala evoca a dimensão do sensorial e do material, mostrando como som, imagem e corpo se entrelaçam nas vivências sagradas e pessoais. Em ambas as falas, há uma reflexão sobre como o audiovisual e a música ultrapassam os meios técnicos: eles são ponte de ancestralidade, memória e emoção.

A roda de conversa trouxe falas diversas, atravessadas por experiências pessoais, referências culturais e reflexões sobre o videoativismo. Um dos pontos centrais foi o som: sua presença constante no cotidiano, ora como ruído de um som de memórias tristes, como dos helicópteros, ora como possível elemento musical que envolve, emociona e desperta memórias. Discutiu-se como a arte sonora pode transformar percepções, provocar silêncio, evocar lembranças e reverberar no corpo.

O mês de agosto foi lembrado como tempo de silêncio e recolhimento ligado a Omolú, orixá da terra e da cura, cuja força guarda relação íntima com a condição humana. A lembrança dos ritos, das comidas e das restrições que marcam esse período revelou como corpo, espiritualidade e cultura estão entrelaçados.

Em síntese, a roda mostrou que arte, som e espiritualidade e ativismo se cruzam como práticas de cura, memória e resistência, afirmando a profundidade da cultura na vida cotidiana e no ativismo.

Durante a oficina, os participantes compartilharam impressões sobre o processo de gravação, a força do som e o papel da narrativa na construção dos filmes.

O ativismo aliado a arte, no âmbito do videoativismo entre povos e comunidades tradicionais, emerge como um potente dispositivo de resistência e afirmativa cultural: ao produzir e exibir narrativas em primeira pessoa – como faz o projeto Cine Paraopeba – essas comunidades *quando* ocupam os meios de comunicação, transformam o espectador em interlocutor e visibilizam lutas territoriais, memórias e identidades historicamente marginalizadas.

1. Questões técnicas e aprendizado prático

Douglas Andrade explicou que, na construção de um vídeo, existem sempre desafios técnicos que fazem parte do processo. Um dos principais é o som: nem sempre é possível controlá-lo, e isso pode mudar toda a experiência da gravação. Ele lembrou a entrevista com o senhor Antônio (atingido), interrompida pelo barulho de um caminhão que passava no mesmo momento. Essa situação mostrou como o ambiente interfere no registro, e como o cinegrafista precisa lidar com os ruídos imprevistos sem perder o fio da narrativa. Para Douglas Andrade (Técnico da Aedas), o vídeo não deve buscar apenas a perfeição técnica, mas sim aprender a acolher o que aparece diante da câmera, porque o que está ao redor também faz parte da história.

Ele destacou ainda que prestar atenção a esses detalhes não é um problema, mas um recurso de verdade do território. O barulho do caminhão, a poeira, o silêncio do rio, tudo isso ajuda a mostrar a vida como ela é, revelando aspectos que dificilmente apareceriam em uma encenação. Assim, cada ruído, cada interferência e cada imprevisto podem se tornar aliados na construção da narrativa, ajudando a fortalecer o caráter documental e político do vídeo. Segundo Douglas Andrade (Técnico da Aedas), a função do videoativismo é justamente essa: transformar as dificuldades técnicas em potência de denúncia, memória e resistência.

O técnico Wagner Túlio (Técnico da Aedas) apresentou uma explicação acessível sobre a construção do roteiro, traduzindo a linguagem do cinema para algo próximo do dia a dia das pessoas. E Maria Lima (Técnica da Aedas) fez o comparativo do roteiro às novelas que todo mundo assiste, mostrando que, assim como nelas, uma história precisa ter personagens, conflitos e emoções para prender a atenção de quem acompanha. Foi explicado que o roteiro é como um guia que organiza a narrativa, ajudando a dar sentido às imagens e às falas, e que, sem ele, o filme pode se perder ou ficar confuso. Ao aproximar esse conceito do universo popular, Wagner Túlio (Técnico da Aedas) destacou que qualquer pessoa pode entender e até escrever o seu próprio roteiro, bastando pensar em como contar uma história que emocione, provoque reflexão e mostre a realidade de forma clara.

2. Debate sobre o vídeo exibido – *Histórias Atingidas: Onde a água chora, resiste Seu Antônio.*

Link de Acesso ao Vídeo – <https://www.youtube.com/watch?v=AX2Upn6YB5k>

Reflexões suscitadas do vídeo exibido

Seu Antônio fala com a força de quem viu seu mundo mudar sem ter escolhido. Diante do fim anunciado do PTR, ele questiona: *“Com quem combinaram que isso acaba em 2026, se a noite ainda não acabou pra nós?”* Lembra do lugar onde nasceu e cresceu — repleto de rio, floresta e passarinhos — e diz que hoje quase não o reconhece mais, como se tudo tivesse sido apagado e silenciado, sem que ninguém enxergasse a grandeza que existia ali. Entre a saudade e a dor, relata que sua saúde se desgasta com os caminhões, a poeira e o peso das mudanças impostas, temendo que, se permanecer por mais tempo, nem saiba mais onde era sua casa. Ainda assim, resiste: mesmo “capengando”, se mantém como guardião da memória, para que o que existiu ali não seja esquecido.

Foi compartilhado que na construção do Filme Amianto, houve a lembrança do rompimento da barragem: *Dona Márcia falou que no dia do desastre, o rio, que sempre fazia barulho, ficou em silêncio. Esse silêncio foi sentido como um aviso de que algo estava errado.* Foi dito que a lama não trouxe só destruição material, mas também um peso no som da natureza. O silêncio do rio virou uma memória coletiva, uma denúncia que não pode ser esquecida. Assim como o barulho estrondoso dos helicópteros.

3. Reflexões sobre ativismo e memória

- A oficina mostrou que o videoativismo não é apenas técnica: é também escolha política. Gravar, montar, contar histórias é resistir contra o esquecimento.
- O filme e os vídeos se tornam forma de preservar memória, denunciar injustiças e mostrar a realidade vivida pelas comunidades.
- Ficou claro que a água, o som e o silêncio são também narradores: eles contam a história do território e precisam ser ouvidos.

Mais do que um espaço de aprendizado técnico, foi uma vivência coletiva em que vídeo, som e imagem se tornaram caminhos de memória, denúncia e resistência.

Durante o encontro, povos e comunidades tradicionais assumiram o protagonismo da pauta, colocando a voz a serviço da luta por reparação, em vídeo ativismo gravados na parte prática da oficina.

A metodologia da oficina combinou roda de conversa, prática de gravação e debate crítico. As perguntas geradoras, foram inspiradas no cotidiano das comunidades, abriram espaço para refletir sobre os impactos do rompimento da barragem, a luta por reparação e a importância de espaços como a Mostra Cine Paraopeba para a valorização da cultura e dos modos de vida tradicionais, onde Mãe Kimazandê, pertencente a Unidade Territorial Tradicional Terreiro Mãe Maria Conga de Aruanda foi entrevistada, e em sua fala trouxe a seguinte reflexão:

Acho muito importante para nós que as pessoas conheçam os nossos valores, a nossa religião e que também tenham acesso ao outro lado da história. É fundamental que entendam a importância de alimentar nossas roupas, nossas rezas e de como tudo isso foi afetado. O rio, as ervas — que para muitos são apenas remédio — para nós são cura, são herança que nossos ancestrais trouxeram de África

A oficina também revelou a riqueza da troca de pensamentos sobre as dimensões do som e do silêncio. A reflexão atravessou o pensamento de axé, como nos lembra Pai Ricardo de Moura, especialmente em agosto, mês de Omolu — o rei da terra, essa mesma terra que sofre quando uma barragem se rompe. O silêncio, nesse contexto, não é vazio: é também som, é também mensagem. É som que se faz na luta contra as injustiças, som que se inscreve na filosofia de axé dos povos de terreiro, onde tudo vibra e reverbera, por que é vivo. Para os povos tradicionais, profundamente envolvidos com o meio ambiente, como aponta Nêgo Bispo, o som da natureza é parte inseparável da vida. Quando o rio é calado, é o próprio axé que sofre; mas o silêncio se transforma em outra forma de canto, em outra forma de denúncia, em outra forma de presença, podendo ser reza, ser cantigas banto ou yorubá — cada som é parte da trama da vida e quando o som natural é interrompido — pelo

barulho metálico da mineração ou pelo silêncio imposto ao rio — rompe-se não só um equilíbrio ambiental, mas quebra a ligação entre os seres.

A oficina foi, portanto, mais que um exercício de formação. Foi um território de resistência simbólica e política, onde a voz ativista significou resistir, gravar imagens orgânicas significou re-existir. Os resultados ecoaram e cada registro produzido se tornou memória viva, cada vídeo criado passou a carregar a força de uma história própria, contada por quem a vive. Os atingidos, atingidas e povos tradicionais presentes saíram fortalecidos, conscientes de que a comunicação pode ser arma de luta e caminho de cura.

3.2. SESSÃO DIA 30

Sessão 03 – Águas

A água, elemento crucial da existência, é o caminho onde flui a vida e as tradições. A sessão apresenta produções que têm como tônica o encontro com as águas e as tradicionalidades. Nos filmes, indígenas, ribeirinhos, pescadores e foliões, que resistem e lutam em seus territórios, são personagens de histórias atravessadas pela ganância dos poderosos.



Foto: Felipe Cunha e Júlia Rohden/Aedas



Foto: Felipe Cunha e Júlia Rohden/Aedas

Síntese dos filmes exibidos

1. Das Águas

Direção: (Adalberto Oliveira e Tiago Martins Rêgo | Brasil | 2023 | Documentário | 17 min)

Link de Acesso ao Filme:

Sinopse: O filme é um recorte do espaço-tempo na história da cidade e mostra o cotidiano de mulheres e homens que vivem da pesca no rio Capibaribe, em Recife, Pernambuco. Também são abordados temas como direito à cidade, planejamento urbano, meio ambiente, e a luta das pessoas para manter a tradição da pesca, bem como seus sonhos, e a relação delas com o rio, que é parte fundamental de sua identidade cultural.

Reflexão: Aborda sobre racismo ambiental e justiça social ao nos mostrar a comunidade do Bode, formada por ribeirinhos ligados ao mangue na cidade do Recife e o seu dia a dia de convívio com a transformação do ambiente causada pelo crescimento da capital pernambucana. Evidencia os modos de vida atravessado pela preservação da memória, manutenção das práticas e da relação com o ambiente, bem como as práticas de luta e denúncia instrumentalizados com a cultura popular local.

2. Lambari

Direção: (Rodrigo Freitas | Brasil | 2016 | Documentário | 15 min)

Link de Acesso ao Filme:

Sinopse: Lambari é um documentário de imersão sobre os impactos afetivos provocados pela lama da Samarco Mineradora S/A – controlada pela Vale S.A e BH Billiton – em moradores de Barra Longa, um dos municípios mineiros mais afetados pelo rompimento da barragem em Bento Rodrigues. Por quatro dias a equipe documentou o cotidiano de moradores do maior desastre ambiental do gênero da história mundial dos últimos 100 anos, tendo como dispositivo a morada e intimidade do pescador João de Freitas.

Reflexão: Nos apresenta um pescador pertencente a barra longa após sua vida ter sido atingida pelo rompimento da barragem do fundão em 2015. Acaba por contar sobre a tristeza que ficou ao perder a saúde do rio com o qual se conectava e, assim, a saúde de tudo que se conectava com o rio. Ainda com tanta tristeza e saudade, a memória e a família dão a possibilidade de uma resistência incansável de seguir caminhando, ou tentando, em frente.

3. Mariana Território Atingido – A Folia de Seu Zezinho

Direção: (Paula Zanardi | Brasil | 2024 | Documentário | 24 min)

Link de Acesso ao Filme:

Sinopse: Celebrada há mais de 60 anos, a Folia de Reis de seu Zezinho é uma das mais importantes manifestações da cultura popular da comunidade de Paracatu de Baixo, atingida pelo rompimento da barragem de Fundão. Após o falecimento de Seu Zezinho, seus filhos se empenham para dar continuidade à tradição em seu território de origem face à sua destruição pela lama de rejeitos das mineradoras Samarco, Vale e BHP em novembro de 2015. O filme é parte da série de curtas-metragens do projeto “Mariana Território Atingido”, da Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, Assessoria Técnica Independente em Mariana.

Reflexão: Apresentando a Folia de Reis de Seu Zezinho nos conta o impacto da perda de um mais velho numa família e comunidade tradicional e, desde 2015,

atingida. Diz da importância de Seu Zezinho para a Folia, mas diz muito também da importância da Folia para a força da comunidade.

4. Histórias Atingidas: Raízes dos Aranã – Onde a terra grita e a memória floresce

Direção: (Felipe Cunha e Douglas Keesen | Brasil | 2025 | Documentário | 4 min)

Link de Acesso ao Filme: <https://youtu.be/CFb-l3UDWcl?feature=shared>

Sinopse: Na terra e nas memórias da Comunidade Indígena Aranã, em Juatuba, ecoa a força ancestral de quem resiste, mesmo em solo ferido. Sua história é de resistência, memória e luta por reconhecimento diante dos danos causados pela mineração no rio Paraopeba. Para os Aranã, é tempo de semear justiça, visibilidade e o direito de existir em plenitude.

Reflexão: Representa a luta dos povos indígenas por água e terra para condições de vida que está acontecendo desde a colonização. O povo Aranã não é de briga, mas é um povo forte e luta! Não precisariam de ajuda quando o rio está bem. Já vindos de outros lugares, sendo expulsos de outras terras, tiveram suas vidas afetadas junto a vida do rio que os acolheu e deu todas as condições de vida que precisavam. Hoje se preocupam com a memória dos jovens da comunidade que não sabem mais pescar, já que perderam a relação com o rio Paraopeba devido o rompimento das barragens em brumadinho. O documentário se coloca como um registro vivo da resistência do povo Aranã, que mesmo diante da violência histórica da colonização e, mais recentemente, da mineração, mantém sua luta por reconhecimento, território e dignidade. A obra revela como a terra e a água, feridas pelo rompimento da barragem em Brumadinho, carregam também as cicatrizes de um povo que já foi expulso de outras regiões e que, ao encontrar no rio Paraopeba sustento e acolhimento, construiu nele a base de sua vida comunitária. Hoje, com o rio contaminado, a luta dos Aranã se reinventa, não como uma busca por conflito, mas como reafirmação de sua força e do direito de existir em plenitude, sem depender de caridade quando a natureza está saudável e abundante.

Ao trazer a memória e a preocupação com as novas gerações, que já não sabem mais pescar e se distanciam do vínculo ancestral com o rio, o filme denuncia o apagamento cultural e espiritual que acompanha a destruição

ambiental. Mais do que uma perda material, trata-se de uma ruptura na transmissão de saberes, na continuidade das práticas de vida e na relação sagrada com o território. Nesse sentido, o documentário evidencia que a luta dos Arana não é apenas por reparação ambiental, mas pela preservação de sua identidade coletiva e de sua memória, semeando justiça e visibilidade como forma de garantir que suas raízes continuem a florescer, mesmo em solo ferido.

Reflexões Provocadas pela Sessão 02

O segundo dia de exibição da Mostra destacou referências às lutas por justiça ambiental que comunidades tradicionais foram obrigadas a travar diante dos ataques destrutivos a seus territórios. Esses processos resultaram em danos profundos e desequilíbrios ambientais, interferindo de forma direta e violenta nos modos de vida de populações ribeirinhas, pescadores, festejos tradicionais e expressões de fé, além de impactar fortemente os povos indígenas que já são expulsos de suas terras desde o início da colonização. Os curtos expressaram não apenas a tristeza e a dor vividas por essas comunidades, mas também a força que emerge da luta, da resistência e da resiliência. Cada narrativa trouxe à tela o testemunho de perdas irreparáveis, mas, ao mesmo tempo, reafirmou a vitalidade dos territórios e das culturas que insistem em permanecer vivas, reinventando-se diante da violência sofrida.

3.3. SESSÃO DIA 31

No domingo, 31 de agosto de 2025, o Cine Santa Tereza, em Belo Horizonte, foi palco de um momento significativo na luta por justiça e reparação das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. A sessão das Assessorias Técnicas Independentes (ATIs), parte da Mostra Cine Paraopeba: *Onde Eu Nasci Passa um Rio*, reuniu representantes de povos e comunidades tradicionais da Bacia do Rio Paraopeba, incluindo comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas e de matriz africana.

A sessão teve como objetivo dar voz às comunidades atingidas, promovendo a reflexão sobre o processo de reparação e o direito à comunicação. Foi um espaço para fortalecer os territórios por meio da produção e reflexão audiovisual.

Durante a sessão, foram exibidos filmes produzidos pelas ATIs que assessoram as pessoas atingidas pelo rompimento da barragem na Bacia do Paraopeba e na Represa de Três Marias. Entre os filmes apresentados, destacam-se:

Síntese dos filmes exibidos

1. Amianto

Direção: Comunidade Ribeirinha Rua Amianto | Brasil | 2025 | Documentário | 23 min

Link de Acesso ao Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=g2rm2iRx8AY>

Sinopse: Crianças da Rua Amianto narram a memória de sua comunidade tradicional, registrando vivências, afetos e lutas cotidianas. O filme surge do Protocolo de Consulta da comunidade, garantindo que seus direitos sejam respeitados em decisões sobre o território.

Reflexão: Este documentário mostra como o audiovisual é uma ferramenta de resistência e expressão coletiva, evidenciando a infância como protagonista na preservação da memória e na defesa cultural. O documentário “Amianto” revela como a câmera, quando colocada nas mãos da própria comunidade, deixa de ser apenas um recurso estético e se transforma em ferramenta política. As crianças, ao narrar a memória de sua rua e de suas raízes, rompem o silêncio imposto às populações tradicionais e evidenciam que a oralidade e a lembrança coletiva são formas de luta. O filme, ao nascer do Protocolo de Consulta, fortalece o direito à participação e dá visibilidade às práticas de resistência cotidiana que, muitas vezes, passam despercebidas nos espaços institucionais de decisão.

Mais do que preservar histórias, a obra convoca a sociedade a repensar a centralidade da infância como guardiã da memória e como sujeito político. Ao escutarmos suas vozes, percebemos que a defesa do território e da cultura não é apenas uma luta pela sobrevivência física, mas também pela dignidade, pela alegria e pela continuidade dos modos de vida. Nesse sentido, o audiovisual torna-se um espaço de encontro e reconhecimento, onde a prática artística se confunde com a ação política, produzindo imagens que denunciam, celebram e projetam futuros possíveis.

2. Entre Mundos

Direção: Everton Martins – Pai Tozinho | Brasil | 2025 | Filme-poema | 4 min

Link de Acesso ao Filme:

Sinopse: Mestre Bem-te-vi, griô e curandeiro do Cerrado mineiro, conduz uma travessia entre visível e invisível, corpo, voz e espírito, mantendo acesa a chama do saber ancestral.

Reflexão: O filme-poema revela a força da memória viva e da resistência espiritual, mostrando que a tradição se perpetua através de rituais e narrativas orais. O filme-poema “Entre Mundos” convida o espectador a atravessar as fronteiras entre o material e o imaterial, guiado pela sabedoria de Mestre Bem-te-vi, que faz do corpo, da voz e do canto instrumentos de continuidade ancestral. Ao mesclar poesia e ritual, a obra revela que a tradição não é estática, mas movimento vivo que se reinventa na relação entre gerações, entre o visível e o invisível. Nesse percurso, o filme nos lembra que a resistência espiritual é também resistência política, pois manter acesa a chama do saber oral é afirmar a dignidade e a presença de um povo em seu território. Assim, “Entre Mundos” transforma a tela em espaço de encantamento e de memória, mostrando que a força da ancestralidade é o que sustenta o presente e projeta futuros possíveis.

3. Festa de Preto Velho

Direção: Everton Martins – Pai Tozinho | Brasil | 2024 | Documentário | 2 min

Link de Acesso ao Filme:

Sinopse: Registro da Festa de Preto Velho na Aldeia das Folhas, destacando o Congado e entidades de Pretos Velhos, com participação do artista visual Mura.

Reflexão: O curta reforça a importância das celebrações e da ancestralidade afro-brasileira como forma de resistência cultural e reafirmação identitária. O curta “Festa de Preto Velho” é um testemunho da força da ancestralidade afro-brasileira que pulsa nas celebrações comunitárias, onde fé, música, dança e

memória se entrelaçam em um ato coletivo de resistência. Ao registrar o Congado e a presença dos Pretos Velhos na Aldeia das Folhas, a obra mostra que essas práticas não são apenas manifestações religiosas, mas também espaços de reafirmação identitária e de continuidade histórica frente às violências do racismo e da exploração. Nesse encontro de espiritualidade e arte, o filme evidencia como a celebração fortalece laços, cura feridas e projeta esperança, transformando a festa em território sagrado de preservação cultural e de luta pela dignidade dos povos tradicionais.

4. Fazendinhas Baú – Comunidade atingida pela Vale luta pelo direito à água

Direção: Daniela Paoliello e Mathias Botelho | Brasil | 2023 | Documentário | 17 min

Link de Acesso ao Filme: <https://youtu.be/qv25tzloqnE?feature=shared>

Sinopse: Mostra a luta da comunidade de Fazendinhas Baú pelo acesso à água potável, evidenciando os impactos contínuos do rompimento da barragem de Brumadinho, incluindo perdas econômicas e restrições no uso do rio.

Reflexão: O filme evidencia como o direito à água e à vida digna é central para a reparação das comunidades atingidas, mostrando resistência e organização comunitária. O documentário “Fazendinhas Baú – Comunidade atingida pela Vale luta pelo direito à água” expõe, com sensibilidade e firmeza, como a falta de acesso à água potável atravessa todos os aspectos da vida comunitária — da saúde à economia, da alimentação ao convívio social —, revelando que a lama da mineração não contaminou apenas o rio, mas também a própria possibilidade de existir com dignidade. Ao acompanhar a mobilização da comunidade, a obra mostra que a luta por reparação não é apenas material, mas também simbólica, pois reivindica o reconhecimento de um direito básico como condição para continuar vivendo no território. Nesse sentido, o filme reforça que a resistência organizada das famílias é um gesto de esperança coletiva, que transforma dor em força e aponta para a urgência de garantir justiça socioambiental efetiva.

5. Naô Xohã: cinco anos de resistência e luta

Direção: Marcos Gomes e André Carvalho | Brasil | 2022 | Documentário | 30 min

Link de Acesso ao Filme: <https://youtu.be/h22l8Fx5f6A?feature=shared>

Sinopse: Registra a vida dos povos Pataxó e Pataxó Hãhãhãe após a tragédia da Vale, mostrando os impactos da lama na cultura ancestral, no ar, na água, no plantio e nos rituais de cura.

Reflexão: O filme revela a persistência da resistência indígena e a necessidade urgente de reparação integral, evidenciando que a luta cultural e territorial continua viva mesmo diante de perdas devastadoras. O documentário “Naô Xohã: cinco anos de resistência e luta” revela como, diante da violência da lama que atingiu corpos, rios e territórios, o povo Pataxó e Pataxó Hãhãhãe reafirma sua existência por meio da memória, da espiritualidade e da coletividade. A cada cena, vemos que a luta não se limita à denúncia dos danos, mas se expande como afirmação de identidade e de futuro, onde a cultura, os rituais e a relação com a terra se mantêm como eixos de resistência. Ao registrar essa caminhada, o filme denuncia a insuficiência das respostas institucionais e coloca em evidência a urgência da reparação integral, lembrando que a tragédia não é apenas ambiental, mas também cultural e espiritual. Assim, a obra se torna um testemunho vivo de dor e, ao mesmo tempo, de esperança, mostrando que, mesmo diante da destruição, a força indígena floresce como semente que insiste em brotar.

Reflexões provocadas pela Sessão 03

Após a exibição dos filmes, ocorreu um debate emocionante com representantes das comunidades e das ATIs, mediado pelo cineasta e Técnico da Equipe de Comunicação da Aedas João Paulo Dias. O debate foi um momento de partilha de experiências, fortalecimento de vínculos e reafirmação do compromisso com a luta por justiça e reparação. Como destacou Elaine Bezerra, coordenadora de Comunicação da Aedas Paraopeba: “Saímos do Cine Paraopeba com energia renovada e com a certeza de que as histórias das pessoas atingidas precisam ser contadas por elas mesmas e visibilizadas”.

Maria dos Anjos – da Comunidade Tradicional Ribeirinha Rua Amianto emocionou ao relatar a dor e a resistência de sua comunidade. Ela destacou a importância da ancestralidade, da cultura e da ligação íntima com o rio e a terra, lembrando que não é por pobreza que permanecem no território, mas por amor e pertencimento. Ela contou como, antes, o rio era fonte de vida, de brincadeiras, de plantio e de cura através das ervas e chás tradicionais. Após o rompimento e a contaminação, porém, esse modo de vida foi interrompido: não podem mais nadar, plantar nem colher suas ervas. Hoje, precisam até pedir ajuda a outros quilombos para manter práticas de cura, recebendo doações de mudas.

Maria dos Anjos denunciou que, embora a lama atinja diferentes comunidades em intensidades distintas, o sofrimento e a contaminação são os mesmos. Reforçou que a dor compartilhada deve se transformar em união e luta. Explicando que com as enchentes de 2022 não se teve uma enchente com terra e esterco que aduba, mas sim uma lama toxica que até hoje se faz presente no rio e nos quintais da comunidade ribeirinha.

Este momento foi de extrema importância, pois representou a união e a força das comunidades atingidas, reafirmando que suas vozes e histórias são essenciais no processo de reparação. A sessão não apenas proporcionou um espaço de expressão e reflexão, mas também fortaleceu a luta coletiva por justiça ambiental e social.

Por fim, a última sessão da Mostra Cine Paraopeba, foi uma parceria junto à produtora Filmes de Plástico, ofereceu um mergulho nas bordas de Minas Gerais – geográficas, sociais e simbólicas. Os filmes da produtora revelam o cotidiano de personagens que habitam territórios periféricos e marginalizados, trazendo à luz histórias de resistência, criatividade e pluralidade, em sintonia com o propósito da Mostra: romper com narrativas hegemônicas e colocar em evidência as vozes historicamente silenciadas.

Foram exibidos dois filmes emblemáticos: *Quintal* (André Novais, 2015) e *Nada* (Gabriel Martins, 2017) que refletem as margens sociais e afetivas de Minas. Cada narrativa evidenciou a riqueza de um cinema que se faz próximo com as comunidades, sensível às realidades diversas e atento às conexões entre memória, território e existência cotidiana.

O debate ao fim da mostra evidenciou a importância de pensar o cinema mineiro e brasileiro a partir de um olhar que considere, de forma central, as vozes e vivências das comunidades e da população negra. Historicamente, essas populações foram filmadas, mas raramente tiveram a oportunidade de escrever e gravar suas próprias histórias. Agora, ao assumirem a câmera e a narrativa, constroem um cinema que nasce do chão da vida cotidiana, de um viés matriarcal e comunitário, disputando narrativas de dentro para fora. Esse movimento não é apenas estético, mas político: trata-se de reposicionar sujeitos que sempre foram objeto do olhar alheio para que agora sejam protagonistas de suas próprias imagens, memórias e futuros. As falas das técnicas da ATI/Aedas reforçaram que arte, videoativismo e ativismo caminham juntos como ferramentas indispensáveis para essa reescrita e inscrição no mundo dos mundos, mostrando que o cinema pode ser um ato de resistência e de afirmação coletiva.

Após a sessão houve uma confluência com cineastas negras, que além de serem trabalhadoras da AEDAS também têm em suas trajetórias a pesquisa e trabalhos audiovisuais junto a povos e comunidades tradicionais e de regiões periféricas, na mesma perspectiva do fazer cinema de forma orgânica, libertadora e junto ao cotidiano dos povos e comunidades. Elas somam ainda um olhar afroreferenciado — ou, como a Filmes de Plástico propõe, um olhar sensível — capaz de capturar com poesia os gestos do cotidiano e as vivências populares, focando justamente nesse registro sutil da vida diária. Nessa perspectiva, as narrativas pulsaram pela proximidade e autenticidade, destacando uma cinematografia engajada com o cotidiano popular, que reafirma a força da ancestralidade, a riqueza das culturas periféricas e a centralidade da arte como prática transformadora.

O debate que se seguiu à sessão reforçou o caráter político e sensível da Mostra: o audiovisual como espaço de escuta, reflexão e partilha, capaz de ressignificar territórios e experiências, aproximando as histórias das periferias de quem as assiste sem apagar a voz de quem as vive. O encerramento da Mostra consolidou uma reflexão central: os filmes não apenas documentam, mas também dialogam com processos de resistência, memória e reexistência, conectando as vivências das bordas com os territórios atingidos pelo rompimento da barragem de Brumadinho.

Assim, a sessão de Filmes de Plástico coroou a Mostra, reafirmando que o cinema é correnteza viva de conhecimento, memória e luta, capaz de atravessar gerações, territórios e imaginários, e que, ao final, coloca no centro das narrativas aqueles que historicamente estiveram à margem – assim como fez toda a programação da Mostra com os povos e comunidades tradicionais da Bacia do Paraopeba.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Mostra Cine Paraopeba: *Onde Eu Nasci Passa um Rio* é, acima de tudo, uma confluência de memórias, resistências e ancestralidades, reafirmando o protagonismo dos povos e comunidades tradicionais da Bacia do Paraopeba. Indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos de terreiro e comunidades de matriz africana estão no centro das narrativas, lembrando que suas histórias, culturas e modos de vida são territórios de saberes vivos que resistem à violência da mineração e à tentativa de apagamento.

Ao longo das sessões, oficinas e debates, fica evidente que o audiovisual não é apenas ferramenta técnica: é arma de resistência, escudo simbólico e instrumento de reexistência. Filmes como *Amianto*, *Entre Mundos*, *Festa de Preto Velho*, *Fazendinhas Baú* e *Naô Xohã* revelam a força da memória coletiva, a persistência dos saberes ancestrais e a coragem das comunidades em transformar dor em ação política, afeto e arte. O cinema, nesse contexto, se torna território de cuidado, denúncia e celebração da vida, onde cada corpo, voz e olhar são parte integrante da história contada.

A perspectiva afroreferenciada atravessa toda a Mostra, evidenciando a importância da ancestralidade, das tradições populares e do reconhecimento dos direitos culturais, territoriais e ambientais. A fala de crianças, mulheres negras, lideranças tradicionais e povos atingidos destaca que a reparação não se limita a indenizações materiais, mas passa pelo reconhecimento da dignidade, da memória e do direito à vida plena. Como rios que não cessam de correr, essas vozes afirmam a continuidade da existência, da luta e da cultura, mostrando que a resistência se renova a cada gesto, palavra e imagem compartilhada.

As oficinas de cineclubismo e videoativismo demonstram que a comunicação é uma ferramenta política fundamental para que as comunidades reassumam a autoria de suas próprias histórias. Mais do que técnicas de filmagem e edição, elas possibilitam uma apropriação crítica dos meios de produção audiovisual, convertendo a câmera em escudo, tambor e memória viva. Assim, cada vídeo produzido se torna denúncia e, ao mesmo tempo, gesto de reexistência.

Os filmes exibidos durante a Mostra mostram que, mesmo diante da dor e da destruição trazidas pelo rompimento da barragem, os territórios seguem pulsando. A memória das águas, os cantos das cirandas, a fé ancestral e a persistência das tradições populares reafirmam que a vida insiste em florescer, mesmo em solo ferido. A arte e o ativismo, nesse contexto, se mostram indispensáveis para denunciar violações, mas também para curar e fortalecer vínculos comunitários.

Por fim, a Mostra Cine Paraopeba evidencia que a luta por justiça ambiental e reparação integral não se encerra na tela: ela continua nos rios, nas memórias, nos terreiros, nas comunidades e nas práticas cotidianas. O evento reafirma que os povos atingidos não são apenas vítimas, mas protagonistas de sua história, guardiões da memória e da cultura, e agentes ativos na construção de futuros possíveis, garantindo que a vida, os rios e as tradições continuem a correr, resistir e florescer.



ONDE EU NASCI PASSA UM RIO

